

Tradução Técnica e Criatividade: Alguns Aspectos não Teóricos

Francisco José Magalhães
Professor e investigador na Universidade Lusófona

Resumo: Este artigo foca alguns aspectos criativos que podem ocorrer na tradução técnica. Nele são apresentados vários exemplos de possíveis traduções.

Palavras chave: Tradução técnica, tradução automática, tradução literária, criatividade

Abstract: This article focuses on some creative aspects that may occur in technical translation. In it examples of various translations are given

Key words: Technical translation, automatic translation, literary translation, creativity

Willis Barnstone, em *The Poetics of Translation*¹, declara:

In choosing its title, I sought to make clear this book's scope and intentions - to brighten the focus on translation as art. I wish to distinguish literary translation, including the ancient art of imitation, from routine information transfer, such as the interlingual rewording of scientific or business documents.

¹ BARNSTONE Willis, *The Poetics of Translation - History, Theory, Practice*, New Haven and London : Yale University Press, 1993. p. 4.

Retenhamos, de momento, as passagens do autor:

- “translation as art”,
- “literary translation”,
- “routine information transfer”,
- “interlingual rewording of scientific or business documents”.

É ainda de Barnstone a declaração:

The scientists who cut up matter, even the most invisible world stuff, can actually have precise information from their experiments transferred into other languages in which nothing essential is added or lost. Externally, the reports carried over may look and sound different, but that is only appearance. The sense, the meaning, is transferred intact.

Retenhamos as passagens:

- “in which nothing essential is added or lost”,
- “the reports [...] may look and sound different”,
- “The sense, the meaning, is transferred intact”.

E o mesmo autor continua:

And such translation, which if properly done is risk-free, is an innocent, tedious, and exacting task, with no decorative frills.

Retenhamos, por fim, as expressões seguintes que, com as anteriores, iremos desenvolver e interrogar de seguida:

- “such translation [...] if properly done is risk-free”,
- “[it] is an innocent, tedious, and exacting task”,
- “with no decorative frills”.

Ora as declarações de Barnstone levam-nos a perguntar:

Existem traduções sem criatividade? Vejamos o exemplo de uma tradução sem criatividade, a partir do texto acima referido:

Escolhendo seu título, eu busquei fazer claro a extensão deste livro e intenções - clarear o foco em tradução como arte. Eu desejo distinguir tradução literária, inclusive a arte antiga de imitação, de informação rotineira transfira, como o interlingual que reformula em palavras de documentos científicos ou empresariais.

Os cientistas que picaram assunto, até mesmo os materiais de mundo mais invisíveis, podem ter informação na verdade precisa das

experiências deles/delas transferidas em outros idiomas em qual nada essencial é somado ou é perdido.

Externamente, os relatórios levados em cima de podem olhar e som diferente, mas isso é só aparecimento.

O senso, o significado, é transferido intato.

E tal translatio que se corretamente feito está seguro, é um inocente, tarefa tediosa, e exata, sem balangandãs decorativos.

(Tradução automática do «Power Translator»).

Para efectuar uma revisão manual desta tradução automática, é necessário uma intervenção humana, o que requer, sem dúvida alguma, faculdades criativas, ausentes na “máquina”.

Debrucemo-nos rapidamente sobre os “géneros literários e tradução” e sobre “*Literary translation as art*” como refere Barnstone. Começemos por interrogar se *The Poetics of Translation - History, Theory, Practice* é um texto literário ou... um texto técnico?

Serão

·A Ilíada e a Odisseia de Homero

·O teatro de Eurípides sobre Ulisses

·A poesia de Píndaro e Virgílio sobre Ulisses

literatura... ?

Ou serão

·história...?

·história dramatizada...?

·história rimada?

Por outro lado, será literatura certa poesia moderna do género:

“Pum, pum

Tá, tá

Bum, bum

Bá, bá”?

Ou é literatura sem substância? Seja qual for a resposta, é “tedious” e não é mais tediosa do que a tabela de multiplicar do ensino básico. Onde estão os “decorative frills” desta e de muita outra literatura *light*?

Por isso é preciso dosear a classificação dos géneros. Todos sabemos que há poesia e poesia... Que existem textos literários e textos literários... Que existem textos científicos e textos científicos... Que existem textos técnicos e textos técnicos... Que há escritores e escritores... E, por fim, que há tradutores e tradutores...

O que é literatura? Segundo o dicionário *Houaiss*, é:

- uso estético da linguagem escrita
- conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético
- conjunto das obras científicas, filosóficas, etc.

E o que é “tradução literária”? “Tudo que não é tradução técnica!”, responderão. E o que é “tradução técnica”? Acrescentarão: “Tudo que não é... tradução literária!”. E a tradução de Filosofia? E a tradução de História? E a tradução de Teatro? E a tradução de Ciência? E a tradução de legendas? E a tradução de publicidade? Serão tradução técnica ou literária?

Voltemos à pergunta inicial: A Tradução de Jules Verne, é literária ou científica? As obras de divulgação sobre teoria quântica, cosmologia, buracos negros e “big-bang” não podem ser boa literatura? Por exemplo, *O Universo Numa Casca de Noz* de Stephen Hawking, Trad. de Paulo Ivo Teixeira, (Menção Honrosa de Tradução Técnica e Científica em Língua Portuguesa - UL/FCT - 1994), não é um bom texto?

Recordemos o que diz Umberto Eco² sobre a complexidade de uma frase, aparentemente, “inocente”:

“Suponhamos que num romance inglês uma personagem diz *it's raining cats and dogs*. Pouco avisado seria o tradutor que, pensando estar a dizer a mesma coisa, traduzisse literalmente *está a chover cães e gatos*. (...)

Mas se o romance fosse de ficção científica (...)?

Mas se a personagem estivesse numa consulta do doutor Freud (...)?

E se num romance italiano quem diz (...) fosse um estudante da Berlitz (...) [tentado a] adornar o seu discurso com anglicismos penosos? (...)

E se a frase *it's raining cats and dogs* a dissesse, em inglês, uma personagem de um romance francês?”

Citado em *Dizer Quase a Mesma Coisa - Sobre a Tradução*, Umberto Eco, Tradução de José Colaço Barreiros, Difel, Lisboa, 2005

É cada vez mais difícil definir o que é texto literário e o que é texto técnico/científico. Há um consenso geral de que existem vários tipos de tradução:

- a tradução literária
- a tradução técnica
- a tradução científica
- a tradução de legendas (audiovisuais, cinema, ópera, etc.

² *Dizer Quase a Mesma Coisa - Sobre a Tradução*; Tradução de José Colaço Barreiros, Difel, Lisboa, 2005

·a tradução de correspondência comercial em línguas estrangeiras, considerada a menos nobre.

Tentem traduzir os “decorative frills” da introdução de uma carta comercial em árabe ou a fórmula de cortesia mais próxima de nós, a familiar: « Veuillez agréer, Madame, Monsieur, l’expression de mes sentiments distingués ».

A maioria dos tradutores representados no Conselho Europeu das Associações de Tradutores Literários (CEATL), que acolhia 34 países em 2005, trabalha em “literatura dura”, mas também em filosofia, história, sociologia, linguística, etc.

Quando se fala de Tradução Literária seria melhor referir, na maioria das vezes, Tradução Editorial, a qual cobre a literatura (em geral) mais as ciências sociais e humanas, como: antropologia, arqueologia, ciências políticas, criminologia, direito, economia, história, historiografia, psicologia, psicologia social, sociologia, ciências da saúde, etc., etc.

Era Fernando Pessoa um tradutor literário ou tradutor técnico? O poeta não desdenhou escrever que a sua profissão era: “tradutor de correspondência comercial”. Saberia do que falava?

Existe uma contradição de princípio quando se opõe a tradução literária à tradução técnica e científica. Isso leva-nos a uma especulação “filosófica”, segundo a qual: uma coisa não pode ser ela mesma e parcialmente o seu contrário. Quando a célebre fórmula $E=mc^2$ não for aplicável a um só caso na Física, deixa de ser “teoria” da relatividade. Uma teoria não é teoria se for observável às segundas, quartas e sextas e falsa às terças e quintas, supondo que a ciência tem um *British weekend*. Segundo a Teoria dos Números, o “1” é SEMPRE “1” em todos os casos e não “0,9” num caso e “1,1” noutro. No entanto, contrariando a lógica, alguns “teóricos” da Tradução defendem que certo tipo de tradução é mais tradução do que outro. Dedução: Ou a Teoria da Tradução não existe ou, se existe, uma teoria é mais teórica do que outra. O certo é que, segundo a Teoria da Tradução, não se pode afirmar que um tipo de tradução seja mais tradução do que outro.

É à luz das Teorias de Tradução que desde o início da nossa comunicação perguntamos: Não há criatividade na tradução técnica? Alguns textos técnicos podem ser “boring”, mas menos do que alguma literatura moderna que é sombria, tediosa, monótona, desinteressante, cansativa e vexante para a inteligência humana. Não há criatividade na tradução técnica? Leia-se a seguinte resposta:

“A tradução para Português do livro *OPTICS* (...) constitui um desafio múltiplo, nos aspectos linguísticos, pedagógicos e científicos. Não existe traduções neutras; toda a tradução constitui uma adaptação, uma tentativa de integração de um raciocínio, no limite, de uma cultura científica e de uma perspectiva pedagógica.”

O autor desta linhas é José Manuel N.V. Rebordão, Doutor em Física, investigador no INETI e Professor convidado do Departamento de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa: in *Óptica*, de Eugene Hecht, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991

Reformulando as suas palavras: “toda a tradução constitui”:

- adaptação
- integração de um raciocínio
- de uma cultura científica
- de uma perspectiva pedagógica.

O que se entende por criatividade? Segundo o dicionário *Houaiss* existe criatividade em arte, ciência, desporto, etc., quando há:

- inventividade
- inteligência
- talento
- criação
- inovação.

Na linguística, refere o *Houaiss*, a criatividade é a:

“Capacidade que tem o falante de produzir e compreender um número de enunciados, mesmo aqueles que não tinham sido por ele ouvidos ou pronunciados anteriormente”.

Existe criatividade na tradução técnica? Segundo o dicionário francês *Dicologique*, a criatividade é:

- *esprit d'entreprise*
- *esprit de suite*
- *esprit de subordination*
- *esprit de synthèse*
- *esprit analytique*
- *esprit positif*.

Sem dúvida que existe estes “espíritos” na tradução técnica.
O que é tradução? Segundo o dicionário *Houaiss*:

Traduzir é (entre outras coisas): tornar claro o significado de algo;
interpretar, compreender, explicar.

Por outras palavras, é o que escreveu José Manuel N.V. Rebordão.
Quando há tradução? Sempre que haja:

- compreensão
- interpretação
- explicação
- adaptação
- reformulação.

Ora estas condições também existem na tradução técnica e científica.
Vejam os um pequeno exemplo de criatividade na Tradução Técnica, que começa logo ao pequeno-almoço, no caso em apreço, com Kellogg’s ALL BRAN:

Texto castelhano

Ud. tiene derecho a acceder a dichos datos, rectificarlos y cancelarlos, en las condiciones previstas en la Ley de Protección de Datos de Carácter Personal, mediante notificación por escrito a Kellogg’s España S.A.

Tradução portuguesa

A empresa acima referenciada garante o acesso e rectificação pelos seus titulares dos dados que constem na referida base de dados e o cumprimento do imposto pela lei 10/91 de Abril.

Na tradução para português teve de se recorrer à *criatividade* para “re/criar” uma fórmula que, ao mesmo tempo, cite a lei da Protecção de Dados e a fraseologia correspondente, levando em consideração o objectivo da publicidade.

Vejam os um exemplo oposto de “criatividade” do tradutor patente no *Dicionário de Marketing* de Michael Thomas, traduzido por José Carlos C. Marques, com revisão técnica da tradução por José Martins, Licenciado em Organização e Gestão de Empresas, publicado pelas Edições Sílabo, Lisboa, em 1991:

«Não me teria sido possível escrever este livro sem a ajuda da minha mulher Nancy, que apesar de ser mestra do *Apricot** e uma acérrima inimiga da gíria, fez sempre comentários construtivos ao modo como procurei encarar o marketing na obra.» * «Nota do tradutor: Pressupõe-se que o autor se quer referir aos trabalhos domésticos e tarefas caseiras.»

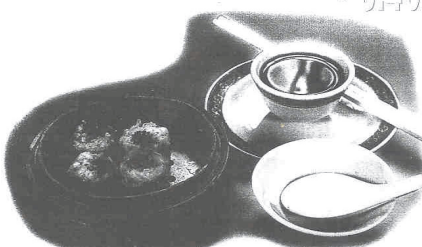
Evidentemente que um nome comercial, ainda por cima escrito em itálico, nunca seria confundível com fruta. Que o tradutor e o revisor técnico ignorem a marca do computador subentendido nas palavras Michael Thomas, é compreensível. Mas que ignorem a referência a um marco importante da história da informática, já não aceitável.

Vejamos agora a criatividade na tradução bilingue de uma publicidade distribuída em Macau:

用低於一盅一件的價錢，
便可與廣東省內的親友暢所欲言...

任何時間致電往

往	每分鐘	只需
珠海	1.30	毫
中山	2.00	毫
香港	3.40	毫

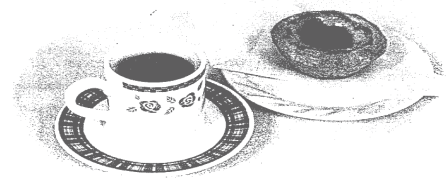


IDD 所費無幾 請您道盡

CTM

Por menos que o preço de um café pode
conversar mais tempo com os seus amigos

Chamadas
IDD para **PORTUGAL**
à taxa Super Económica de 9 Pts. por minuto



IDD 所費無幾 請您道盡

NÃO É CARO MANTER-SE EM CONTACTO

CTM

Trata-se das versões chinesa e portuguesa da mesma publicidade, a qual incide sobre o baixo custo das chamadas telefónicas internacionais da CTM. Ela infere que a comunidade chinesa utiliza a linha internacional para comunicar com a China pagando o mesmo que por uma sopa de fitas, o que há de mais barato como primeira refeição do dia. Quanto à comunidade portuguesa, o custo das chamadas internacionais, tendencialmente para a Europa, seria o de uma «bica»

e um pastel de nata, o equivalente discursivo de um pequeno-almoço chinês. Não é isto criatividade?

Por conseguinte, toda a tradução requer, na maioria dos casos, um grau maior ou menor de criatividade. Existe criatividade nos textos dos cientistas e escritores técnicos? Se a resposta for positiva, é necessário que o tradutor, para traduzir, tenha de se “meter na pele” do autor, ser criativo, e ao meter-se na pele do cientista e do escritor técnico é, forçosamente, um (re)criador.

Por alguma razão, e, para usar um truísmo, com toda a razão: o tradutor é juridicamente equiparado a autor no Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos.

Será necessário ainda lembrar:

“O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo”

Álvaro de Campos

Ao contrário do que pensa quem não tem experiência na matéria, a tradução técnica e científica não é mero tiro ao alvo, no qual, por vezes, o arqueiro acerta e outras falha.

Em termos de conclusão, é necessário ouvir com alguma precaução as opiniões dos teóricos da “nova vaga”, que têm um grau zero de experiência tradutiva e que, contudo, debitam discursos que fariam bradar os céus por onde vagueia o espírito de S. Jerónimo.

Não é o caso do tradutor que, ao longo das últimas décadas, tem dado aos leitores de língua portuguesa dezenas de grandes traduções, entre as quais se encontra a reflexão acima citada de Umberto Eco *Dizer Quase a Mesma Coisa – Sobre a Tradução*, publicada pela DIFEL, Lisboa, 2005. Que me seja permitida a ousadia de dedicar esta desprezensosa comunicação ao tradutor dessa obra, o José Colaço Barreiros, exemplo de competência profissional norteadora por uma grande modéstia.